

Após chegar ao pico em janeiro, Ômicron da sinais de recuo no RS

COVID-19

Ômicron entra em queda no RS, mas em patamares altos

MARCEL HARTMANN

marcel.hartmann@zerohora.com.br

A onda de covid-19 gerada pela Ômicron, que chegou ao Rio Grande do Sul em dezembro, finalmente começa a entrar em queda no Estado, segundo estatísticas da Secretaria Estadual da Saúde (SES-RS) e especialistas entrevistados por Zero Hora. Todavia, o nível de transmissão segue alto – e há receio de que Carnaval e volta às aulas presenciais provoquem repique, o que adiaria em algumas semanas a chegada a um cenário mais seguro.

O primeiro indicador a apresentar queda foi o de casos: em 28 de janeiro, o Rio Grande do Sul chegou à média de 17,3 mil infecções diárias, recorde da pandemia. A partir dali, perdeu força, a despeito de um leve repique – atualmente, a média é de 12,4 mil casos diários, queda de 28,5% desde 28 de janeiro.

A média de hospitalizações por coronavírus em leitos clínicos atingiu pico de 1.350 pacientes em 6 de fevereiro – momento a partir do qual há queda contínua. Ontem, a média era de 1.166 internados, redução de 13,6% desde então.

A ocupação de Unidades de Terapia Intensiva (UTIs), cuja tendência demora a ser alterada em função do tempo transcorrido entre infecção e agravamento, caminha para estabilidade, apesar do pouco tempo de platô. Após pico de 576 pacientes em média com coronavírus em 10 de fevereiro, ontem, cinco dias depois, eram 572.

Mortes

Por fim, a média de vítimas da

“

A curva realmente está caindo, há sinais claros de queda nos últimos dias. Em hospitalizações, cai há uma semana. A curva de casos parece que começou a cair, temos risco de atraso, mas parece realmente haver certa queda. Óbitos precisamos de mais dias para confirmar se realmente há queda. O grande problema são os níveis em que a gente se encontra, ainda muito altos.

SUZI CAMEY

Epidemiologista e integrante do Comitê Científico do Piratini

vacinados e 28,5% receberam a dose de reforço.

Se países como França, Austrália, Reino Unido e Canadá levaram de quatro a seis semanas para chegar ao ápice de casos de Ômicron, o Rio Grande do Sul levou cerca de quatro semanas, diz a epidemiologista Suzi CAMEY, integrante do Comitê Científico do Palácio Piratini. Ela entende que os alertas enviados pelo governo do Estado a municípios e população alteraram o comportamento de parcela dos gaúchos, o que contribuiu para abreviar o pico para antes de seis semanas.

– A curva realmente está caindo, há sinais claros de queda nos últimos dias. Em hospitalizações, cai há uma semana. A curva de casos parece que começou a cair, mas temos risco de atraso, mas parece realmente haver certa queda. Óbitos precisamos de mais dias para confirmar se realmente há queda. O grande problema são os níveis em que a gente se encontra, ainda muito altos – afirma.

– Estamos com média de casos 50% superior ao auge da Delta: em 10 de março de 2021, eram

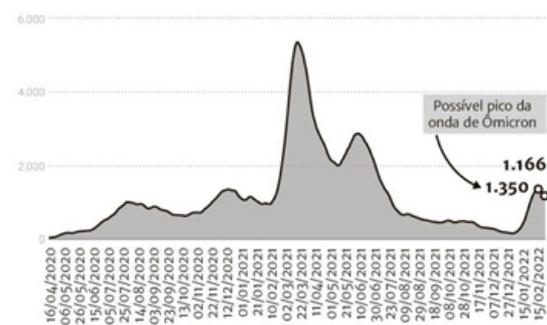
Os números da variante

MÉDIA MÓVEL DE CASOS



MÉDIA DE INTERNAÇÕES EM LEITOS CLÍNICOS CAI HÁ MAIS DE UMA SEMANA

Possível pico ocorreu em 6 de fevereiro



Fonte: Secretaria Estadual da Saúde do Rio Grande do Sul (SES-RS)

Volta às aulas e Carnaval

A realidade de nações europeias nas quais a onda de Ômicron está se tornando página do passado indica que há duas possibilidades para o Rio Grande do Sul nas próximas semanas. A primeira é o cenário de países como o Reino Unido, que atingiu ápice de casos

de Carnaval devem adiar para abril um cenário de estatísticas próximas às de dezembro, reflete a epidemiologista Suzi CAMEY.

Para ela, é pouco provável que o RS alcance em fevereiro pico superior a janeiro, como na Austrália, devido ao grande número de

